

**Ana Elisabeth Santos Alves**

*Doutoranda em Educação - UFBA/PPGE  
Faculdade de Educação Professora da  
Universidade Estadual do Sudoeste da  
Bahia - UESB.*

A propósito da empregabilidade  
e do mercado de trabalho

**RESUM**

**E**ste artigo tem como objetivo analisar a noção de empregabilidade em relação à orientação política adotada pelo governo e pelos empresários para o mercado de trabalho. Particulariza-se o entendimento do tema vinculando-o a análises sobre a inserção do indivíduo no mundo do trabalho.

**Abs-**

**T**he objective of this article is analyses the nottion of "Empregabilidade" in relation the politic orientation accepted by the government and undertakers to the work's market. I individualizes the agreement of the theme entailing the analyse about the access individual of the person in the work world.

**KEY-WORDS:** "Empregabilidade" -skill-work's market

### **Introdução**

Assistimos, neste final de século, as aceleradas transformações que estão acontecendo no plano económico, social e político, em âmbito mundial. A crise do "modelo fordista", com a diminuição da produtividade, levou os agentes económicos a procurar novos meios para reestruturar a produção e controlar o trabalho.

O modelo de produção fordista, pautado pelo refinamento do sistema de máquinas de carácter rígido, divisão específica do trabalho, produção em grande escala e consumo de massa, já não consegue mais dar conta do processo de acumulação de riqueza, principal objetivo do capital e, por isso, está sendo substituído. A difusão da lógica desse novo modo de acumulação permite que os empresários utilizem um maior controle da força de trabalho, devido ao estreitamento das

relações comunicacionais entre o público e o privado e o temor da classe trabalhadora pelo aumento de desemprego. A base desse processo, que é a exploração e a expansão dos avanços tecnológicos em nível mundial, implicou em mudanças nos conteúdos do trabalho e nos requisitos de qualificação exigidos para os trabalhadores. O que propõe o novo modelo é o aumento do uso do trabalho de forma mais abrangente, baseado na cooperação e na comunicação, priorizando a criatividade, com um uso crescente de novas tecnologias, políticas de gestão e organização do trabalho pautadas na "qualidade total".

Nesse contexto de transformações dos padrões de organização do trabalho, delineia-se um "novo perfil do trabalhador", a emergência de um "novo trabalhador", mais qualificado, para atender às exigências do mercado.

Diante desse quadro, o debate sobre a Empregabilidade - "o profissional empregável", "flexível", "criativo" - se faz presente como um caminho para a inserção dos indivíduos no mercado de trabalho, despontando como uma resposta para os problemas do desemprego no país.

As hipóteses da teoria do capital humano<sup>1</sup> foram lembradas como pressuposto da Empregabilidade e compreendidas como um componente de competitividade e de produtividade.

---

1 A TCH tem como base as teorias que sustentam o vínculo direto entre funções formativas e crescimento econômico, implicando na ideia de que o indivíduo é um capital em potencial, mediante o desenvolvimento de suas capacidades individuais, aplicado tanto à educação formal como à aprendizagem não formal

Os trabalhos desenvolvidos por LEITE (1996) e HIRATA (1997) constataram mudanças nos conteúdos do trabalho e nos perfis profissionais, provocadas pelos novos modelos de gestão e inovações tecnológicas, mas, por outro lado, constataram inclusive que a tendência de elevação da qualificação dos trabalhadores e a estabilidade no emprego ocorreu apenas para um pequeno grupo da força de trabalho. A maioria da mão de obra é instável, barata, desqualificada, com discriminações sociais de gênero e etnia.

Pesquisas também apontam que trabalhadores qualificados estão em situação de desemprego ou emprego precário (LUTTWAK, 1996). O aumento da competição, aliado ao risco do desemprego, subemprego, demanda "atributos que transcendem as possibilidades do sistema educacional, a aquisição de qualificação ou de competência" (PAIVA, 2000,p.55).

Nesse sentido, o presente texto pretende evidenciar, ainda que de modo superficial, o pano de fundo do discurso dominante entre empresários e governo, que transferiu para o esforço individual a responsabilidade pela inserção dos sujeitos no mundo do trabalho. Assim, dentro dessa lógica, a contratação para o mercado de trabalho formal ou mesmo para a atuação do indivíduo no mercado informal não depende só de diplomas e treinamentos, mas, fundamentalmente, de elementos subjetivos como "habilidades", "flexibilidade", "atitude proativa", resumidos no termo Empregabilidade.

### **A empregabilidade no centro do debate**

Os tempos atuais têm sido marcados pela "centralidade da educação", como importante estratégia para garantir a qualidade do trabalho nas organizações e como requisito para garantir a permanência e o ingresso do indivíduo no mercado de trabalho.

Definir a educação como fundamental para o desenvolvimento económico do país e do sujeito individual não é nenhuma novidade, argumenta PAIVA (1995). Apartir dos anos 50, a demanda por educação sempre esteve no centro do debate de educadores e organizações. A exemplo disso, ressalta-se as pesquisas da economia da educação que postulou a concepção de educação, a partir do enfoque na análise ocupacional - binómio emprego/educação escolar - relacionando-a ao desenvolvimento socioeconómico e a necessidade de planejar os investimentos em educação, ou seja, planejar as carreiras para atender às demandas do mercado ocupacional dos postos de trabalho. Nesses termos, a economia da educação considera a existência de uma relação do nível de educação do indivíduo, diferenciais de salário, em função dos custos de cada ano de acréscimo em educação, à medida que o rendimento destes estudos traria benefícios para toda a sua vida profissional.

A nova orientação ideológica e política, da década de 90, adotada pelo governo e empresários, de acesso ao emprego, associada ao projeto de aumento de qualificação formal, como um dos aspectos do processo de socialização e preparo dos sujeitos para futura inserção no mundo do trabalho, constituiu-se numa reorganização de conceitos difundidos em décadas passadas, a exemplo da teoria do capital humano, travestidos de outra forma, definido, hoje, com o conceito chave de: Empregabilidade.

O termo Empregabilidade, segundo o Dicionário da Educação Profissional (2000,p.141), refere-se às condições subjetivas de inserção e permanência dos sujeitos no mercado de trabalho e, também, às estratégias de valorização e negociação de sua capacidade de trabalho. Esse conceito tem sido ponto de referência de várias políticas educacionais de formação profissional e discursos de empresários, "so-1 bre tudo, quando centra nos indivíduos a responsabilidade de sua integração no mercado de trabalho" (idem), relacionando-o ao emprego/desemprego e dispositivos de formação.

Para HIRATA(1997,p.33), apud B.GAZIER, "a função que ocupa essa I noção na literatura económica e nas análises estatísticas diz respeito a passagem da situação de desemprego para a de emprego (saída do desemprego e ingresso no contingente de empregados)", explicitando melhor"... poderia ser definida como probabilidade de saída do desemprego ou, formulada de maneira positiva, como capacidade de obter um emprego".

Descolada das instituições formais e da experiência adquirida no trabalho, a Empregabilidade dá maior peso aos aspectos pessoais e disposições subjetivas: atitudes e características de personalidade, elementos menos mensuráveis objetivamente (PAIVA, 2000)

Observa-se, portanto, que a "noção de Empregabilidade" se caracteriza como um conceito que transfere da empresa e do governo a responsabilidade pelo emprego e o desemprego para os sujeitos individuais.

A referência ao "indivíduo" obedece uma lógica determinada pelo sistema capitalista, que pressupõe a livre negociação entre comprador<sup>^</sup> e vendedores, no qual o trabalhador coloca a sua força de trabalho no mercado para ser vendida "livremente" em troca de um salário. A política neoliberal implantada, no país, reforça essa lógica capitalista.

O projeto neoliberal é uma racionalização política da sociedade, baseada nos princípios da economia neoclássica, que dá ênfase ao individualismo, à liberdade individual de

escolha e à sociedade de mercado uma mínima participação do governo, garantia de igualdade de chances e oportunidades para todos os indivíduos. Apresenta-se com um discurso inexorável em que cria as suas próprias categorias, noções e termos para nomear a sociedade, produzindo, assim, uma "realidade" que acaba por tornar impossível pensar uma outra "realidade".

O processo de reestruturação produtiva (novas tecnologias, adoção de novas práticas de gestão e organização do trabalho, como da "qualidade total" e flexibilização do trabalho), no país, assenta-se nas políticas de cunho neoliberal, que tem como parte essencial a desregulamentação da atividade econômica do capital, exaltando o mercado como única garantia de liberdade da sociedade.

Desse modo, empregadores, assalariados e trabalhadores por conta própria são convidados a rever e reavaliar suas capacidades, noções e vantagens competitivas para se familiarizarem "com os novos receituários, que definem o que é ser, hoje, no âmbito do capitalismo mundializado" alguém "empregável", competente, integrável ao mercado, (MACHADO, 1998, p.19)

Para melhor exemplificar é interessante observar, de forma mais contundente, o entendimento da noção de Empregabilidade nas palavras de um empresário.

O empresário MINARELLI (1998, p.48) conceitua Empregabilidade explicando-a de forma objetiva, em seis pilares, demonstrando a postura que os indivíduos devem adotar para se tornarem aptos às novas necessidades do mercado de trabalho, a saber:

1) *Posição de destaque: (vocação) - possibilita motivação, prazer, criatividade.*

2) *Competitividade: habilidades técnicas de sua profissão, saber lidar com pessoas, trabalhar em equipe, saber comunicar-se (oral e escrita), saber um idioma comercial (inglês, espanhol), ser multiespecialista, habilidade de vender o trabalho, coragem de fazer um marketing pessoal, habilidade de utilizar recursos tecnológicos, atitude positiva, sintonia com o cliente (ser solidário), etc.*

3) *Idoneidade: no mercado, os negócios são realizados na base da confiança, é preciso ter o aval do cliente, a propaganda boca a boca é a mais eficiente e é gratuita.*

4) *Saúde física e mental: são itens que ajudam ou atrapalham. Exercícios, alimentação adequada, descanso semanal, divisão de tempo, férias, lazer são itens fundamentais.*

5) *Reserva financeira e fonte alternativa de trabalho e renda; isso é necessário para o pulo do gato. Quem não tem reserva fica na dependência dos outros. É preciso guardar todo mês, pelo menos 10% do que se ganha (é o conceito do dízimo). Além disso, é importante manter uma fonte alternativa de trabalho, que possibilita o indivíduo mudar de rumo quando algo não o agrada.*

6) *Relacionamento ou capital social: mantemos relações e troca constante de informação e ajuda. Quem não tem cartão de visita, por exemplo, desperdiça oportunidades de trocar.*

Continuando o seu discurso, MIRANELLI elege uma série de conselhos finais para o profissional ter Empregabilidade, dentre eles, oqu

mais se destaca refere-se ao cuidado que o profissional deve ter com sua vida: *"cada profissional deve cuidar da sua vida e da sua carreira porque elas são suas, não são do governo, não são do empregador. C dona cuida melhor..."*

Analisando os "pilares da Empregabilidade" e "conselho final observa-se a ênfase no indivíduo e nas suas qualidades individuais em relação ao mercado de trabalho. O discurso a respeito da Empregabilidade tem como referência o indivíduo.

A sociedade moderna gera uma multiplicação constante de necessidades individuais e mantém uma oposição entre as necessidades sociais e a existência privada e pública. O sujeito está mais preocupado com o seu cotidiano, com o presente em pequenos grupos, O prazer está em viver um conjunto de momentos intensamente; cada grupo social com sua história. Esta perspectiva "utilitarista" do cotidiano forma um pensamento individualizado, egoísta e invertido devei o mundo e de perpetuação do sistema capitalista de produção. As aspirações se dão em obediência às leis da razão e pelo entendimento das idéias acerca de si e do mundo, ou seja, a realização das aspirações "depende do indivíduo, da sua razão e da sua fraqueza" (ROCHA, 1995,p.32).

Os "pilares da Empregabilidade" orientam os profissionais a serem competitivos e adquirirem uma "boa saúde física e mental" para se ajustarem à velocidade das informações e às mudanças no mercado de trabalho. A introdução da ideia de "competição" e "competitividade" "transforma a violência econômica em paradigma ideal da ação humana. O célebre Vencer e vencer de Fernando Collor" (CHAUÍ, 1999,p. 48). Assim, a Empregabilidade, entendida no sentido da eficiência, da qualidade, da competitividade, caracteriza-se, segundo D'AMBROSIO (1997), como um "aprimoramento" do "modelo andróide:" um modelo típico da sociedade de consumo, de uma sociedade de venda e compra, que direciona para a busca do "empregado ideal".

### **Empregabilidade e mercado de trabalho**

O mercado de trabalho, hoje, no país, reflete a racionalização da economia implantada a partir de 1990, assinalada pela política de abertura comercial, desregulamentação do mercado, criação de um mercado mais "enxuto", caracterizado por uma maior presença de pessoas exercendo ocupações não pertencentes ao segmento formal (DEDECCA,1996) e implementação do projeto neoliberal. As empresas têm buscado reduzir os seus custos para se adaptarem aos novos termos da competitividade capitalista e aumentar a sua produtividade. A política do empresariado brasileiro, na busca de ganhos de produtividade, é pautada na "flexibilização do trabalho e no recurso a sua dimensão subjetiva - representada pelas políticas de gestão/organização" (DRUCK, 1998,p.3). A flexibilização do trabalho é a base de sustentação e ajuste das novas exigências do mercado.

Segundo essa lógica de flexibilização e desregulamentação do mercado de trabalho, as empresas têm buscado reduzir os seus custos, enxugando os quadros de pessoal, utilizando-se do trabalho de operários com vínculos empregatícios precários, trabalho autônomo, por tarefa, estágios e trabalho domiciliar, inserindo transformações gerenciais, programas de qualidade total e o uso do computador, para continuarem competindo no mercado (BORGES, 1996). O trabalhador tem que ser "flexível" para se adaptar à nova situação.

As novas exigências de qualificação para os trabalhadores tem como proposta uma mudança na sociedade taylorizada, com rígida di-

visão do trabalho e da hierarquia, para uma sociedade mais "flexível". A qualificação no sentido do compromisso fordista foi substituída pelo significado de competências, habilidades, capacidades criativas, associado ao novo cenário das transformações que estão acontecendo no projeto de acumulação capitalista. Observa-se, de um modo geral, uma grande preocupação dos indivíduos em qualificar-se, como uma condição básica para atuarem no mercado de trabalho. No âmbito das empresas, essa preocupação está presente na necessidade de qualificação sempre renovada dos trabalhadores, em razão das transformações técnico-organizacionais no mundo do trabalho.

A realidade do mundo do trabalho, nas economias industriais avançadas, como nos Estados Unidos e no Japão, demonstra que flexibilização da economia e as inovações tecnológicas nem sempre supõem um caminho com avanços para a classe trabalhadora. A precarização e o barateamento da mão de obra nos Estados Unidos inclusive de pessoal altamente qualificado, em condições de superoferta de engenheiros, físicos, contadores e funcionários públicos, se disseminaram pelos empregos no setor de varejo e nas empresas de pequenos serviços. De acordo com LUTTWAK (1996, p.61), "à medida que o emprego 'corporativo' mais bem pago, do chão de fábrica até o escritório executivo, é substituído pela proliferação de empregos em serviços marginais, os ganhos dos 70% americanos mais pobres inevitavelmente declinam, mesmo que a renda nacional total continue a crescer", presumindo que a sociedade americana vive para atender às necessidades da economia. Portanto, é importante destacar que a situação não é tão simples como se apresenta. Interação, então, processos de trabalho ainda centrados em formas e tecnologias tradicionais de produção com setores que utilizam tecnologias avançadas. Tem-se a considerar que o avanço do trabalho precário, desqualificado, mal pago se mistura e se integra ao processo de trabalho estável e bem pago. O trabalho nas grandes empresas se completa com trabalho informal, constituindo-se uma cadeia produtiva (LEITE, 1996).

Os trabalhadores, que mercantilizam a sua força de trabalho no mercado, vivem num permanente processo de competição, disputando vantagens competitivas, com intensificação do trabalho, influenciados pela concepção de Empregabilidade, como resultado do esforço individual, em razão da flexibilidade, mesmo quando isto significa perda de direitos e de qualidade de vida.

O direito ao trabalho, a luta pelo emprego faz com que o trabalhador lute para ser mercadoria, já que o fato de ser empregado é mais dramático que o desemprego ou subemprego. Essa situação leva, de certo modo, os indivíduos a estarem disponíveis para assumir qualquer trabalho, por mais "empregáveis" e qualificados que sejam. O problema do desemprego torna-se questão maior. Assim "a Empregabilidade heterônoma da força de trabalho é crescentemente menor (PAIVA,2000,P.59).

O tema da "Empregabilidade" está presente nos debates dos sindicatos dos trabalhadores. Observa-se, nas discussões da executiva nacional da CUT (CADERNO DE APOIO ÀS ATIVIDADES DE FORMAÇÃO DO PROGRAMA NACIONAL DE FORMAÇÃO DE FORMADORES E CAPACITAÇÃO DE CONSELHEIROS, 1999), uma grande clareza em relação ao slogan do governo e empresários quando falam que "a solução do Brasil está na educação" e afirmam que quem é mais qualificado tem mais chances de conseguir ou se manter empregado. A CUT sabe que "Empregabilidade", por si só, não garante emprego. "Se fosse assim não veríamos tantas pessoas com o terceiro grau, em tese, altamente qualificadas, realizando

atividades que nada tem a ver com o que aprenderam na Universidade. E se todos se qualificarem? Haverá empregos para todos ? (p.77). Compreende, também, que as novas formas de emprego exigem uma maior mobilização por parte dos trabalhadores, pois, o discurso de gestão da empresa moderna, em relação à Empregabilidade, demonstra uma forma de exigir do trabalhador uma maior disponibilidade e interesses frente aos valores da empresa.

Em síntese, sabe-se que a política do governo e dos empresários, em relação ao emprego, é pautada na "flexibilização do trabalho", buscando reduzir os custos do trabalho a partir do enxugamento dos quadros de pessoal, utilizando-se do trabalho de operários com vínculos empregatícios precários.

É importante destacar nesse debate sobre a Empregabilidade outros fatores que contribuam, decisivamente, para a melhoria da sociedade e, em consequência, influenciam na questão do emprego e desemprego, como: crescimento econômico do país, incentivo a uma política industrial para gerar novas vagas e expectativa para os trabalhadores de acesso à cidadania pela conquista de direitos ao trabalho, direitos cívicos e políticos.

## REFERÊNCIAS Bibliográficas

BORGES, A *As novas tendências do mercado de trabalho formal*. BAHIA Análise e Dados, Salvador: SEI, v.6, n.03, p. 73-82, dez, 1996.

CADERNO DE APOIO AS ATIVIDADES DE FORMAÇÃO DO PROGRAMA NACIONAL DE FORMAÇÃO DE FORMADORES E CAPACITAÇÃO DE CONSELHEIROS. Executiva Nacional da CUT, SP, 1999.

CHAUÍ, M. *Ideologia neoliberal e universidade*. In: OLIVEIRA, F.; PAOLI, M<sup>o</sup> (org). *Os sentidos da democracia: políticas do dissenso e hegemonia global - NEDIC*. - Petrópolis, RJ: Vozes, Brasília: NEDIC, p.27-51, 1999.

DEDECCA, Cláudio S. *Desemprego e regulação no Brasil hoje*. Cadernos do CESIT, Campinas, n.20, p. 1-73, ago. 1996.

DICIONÁRIO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL. BH:NETE/UFMG, 2000.

DRUCK, Maria da Graça. *A reestruturação produtiva e os sindicatos - um estudo da imprensa sindical*. Trabalho apresentado no XXII Encontro Nacional da ANPOCS, Caxambu, out/1998, mimeo.

D'AMBROSIO, U. *Empregabilidade e comportamento humano: proposta de uma ética* In: CASALI, A. et al (org). *Empregabilidade e Educação :novos caminhos da aprendizagem*. S.P.: EDUC, 1997.p.91-98.

HIRATA, H *O mundo do trabalho* In: CASALI, A. et al (org), *Empregabilidade e Educação: novos caminhos da aprendizagem*. S.P.: EDUC, 1997. p.23-42.

LEITE, Mareia de P. *A qualificação reestruturada e os desafios da formação profissional* *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n.45, p.79-96, jul.1996.

LUTTWAK, E. *O capitalismo turbinado e suas consequências*. Tradução Otacílio Nunes. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n.45, p.58-64, jul.1996.

MACHADO, Lucília R. de S. *Educação Básica, Empregabilidade e Competência*. *Trabalho & Educação*, BH.NETE/UFMG, n. 3, p.15-31, jan/jul, 1998.

MINARELLI, José *Empregabilidade, o caminho das pedras*. *Temática*, Londrina, n.14, p. 41-50, jan., 1998

ROCHA, Francisco Jacob Pimenta da. *Vestibular: cultura e tragédia*. *Educação e Sociedade*, São Paulo, Ano XVI, n.50, p.15-43, abr., 1995.

PAIVA, Vanilda. *Inovação tecnológica e qualificação*. *Educação e Sociedade*, São Paulo: ano XVI, n.50, p. 70-92, abr., 1995.

\_\_\_\_\_. *Qualificação, crise do trabalho assalariado e exclusão social*. In: GENTILI & FRIGOTTO (org). *A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho*. Buenos Aires: CLACSO, set, 2000.p.49-64.

